

IMAGENS DA PERIFERIA: NARRATIVAS REFLEXIVAS COM PARTICIPANTES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Coordenador: LEANDRO ROGERIO PINHEIRO

Autor: MURILO ARIEL DE ARAÚJO QUEVEDO

O projeto visa fomentar a produção de narrativas fotográficas junto a jovens participantes no movimento Hip Hop, no intuito de provocar atividades reflexivas sobre o cotidiano em bairros de periferia da cidade de Porto Alegre e gerar processo educativo de problematização identitária. A fotografia, descrita como um sistema de elaboração de realidades, traz consigo dois processos cruciais, o de construção da imagem fotográfica e o de sua interpretação. A relação do fotógrafo com a realidade possui por moldura a mediação intrínseca de suas crenças, referências e intenções, conhecidas e desconhecidas, conscientes e inconscientes na construção da imagem. A imagem não é produzida apenas pela máquina fotográfica: as escolhas feitas pelo fotógrafo delimitam o que está em primeiro plano, o que compõe o fundo, qual o ângulo, a luz, os enquadramentos, entre outros aspectos que determinam a captura da imagem fotográfica. Tais escolhas impõem normas e valores a tudo aquilo que é fotografado. Embora alguns pensem que ao fotografar estão retratando a realidade, na verdade, esse exercício não passa de uma interpretação do fotógrafo sobre a mesma. Ainda que seja dessa forma, Caetano (2007) afirma que a fotografia pode, assim, tornar acessível esquemas mentais de quem fotografa, precisamente por constituir uma representação da imagem que os indivíduos dão de si mesmos e das realidades em que estão inseridos. Como esta mesma autora menciona, as subjetividades a que as fotografias podem remeter torna [a fotografia] particularmente pertinente enquanto instrumento de análise que fornecem informação que não poderia, provavelmente, ser captada de outra forma (Caetano, 2007). Assim, almeja-se a formação sobre registros fotográficos não só pelo preparo no uso do equipamento, mas também pela problematização das interpretações e construções elaboradas no processo de fotografar, discutindo como se socializam e se sociabilizam os participantes. Foram programadas três etapas distintas. Primeiramente, uma oficina destinada à: integração do grupo, apresentação de referencialidades e cenários de utilização da fotografia; e preparação para uso do equipamento fotográfico. Na sequência, efetivando a segunda etapa, os participantes foram convidados a produzirem registros fotográficos temáticos desde seus cotidianos de vida, intercalados por sessões de discussão sobre as imagens produzidas, evidenciando contrastes nas vivências de registro

construídas nas experiências fotográficas. Interessa, nessa dinâmica educativa, acompanhar o processo mediante o qual os sujeitos interpretam suas realidades, explorando as potencialidades de um registro fotográfico qualificado. Desde a escolha dos cenários e personagens que figurarão em suas fotografias, passando pela seleção (e censura) daquelas que (não) virão a público, até a construção de narrativas articulando suas falas às imagens escolhidas e às falas e imagens dos demais; bem como as sucessivas reacomodações operadas ao longo do tempo em função da ampliação progressiva do registro fotográfico: todo um conjunto de elementos nos quais ancorar análises e a partir dos quais abrir frentes de memória. Cabe ressaltar ainda que resultará desta iniciativa um conjunto de artefatos fotográficos produzidos pelos integrantes de movimento social. Pretendemos que tais registros componham uma mostra fotográfica, apresentando as narrativas dos participantes, o que valorizaria seu trabalho. Até o momento, percebemos que os jovens constroem identidades perpassadas por formas de expressão artística e estilística que o Hip Hop possibilita, concretizando certa política do cotidiano a reconstruir localmente os códigos de um movimento de expressão globalizada e ao fazer da fruição na sociabilidade a atividade preferencial de integração coletiva, produção de sentidos e mobilização política. Segundo narram, a Escola, por sua vez, tem incorporado práticas dos universos juvenis, no intuito de conquistar os jovens para suas atividades, porém acaba por instrumentalizar estes saberes como conteúdos curriculares. Em síntese, em que pese as condições materiais e culturais que distinguem sua produção, esta se caracterizaria pela expressão de uma narrativa de denúncia e mobilização, sendo a cotidianidade a ambiência principal de ação. Em todos os casos, as experiências relatadas revelam uma profunda identificação destes sujeitos com o espaço social onde vivem, com as relações familiares e de amizade que estabelecem, apresentando sempre um olhar de reconhecimento do lócus periférico como sendo o lugar de construção de sua própria vida.